

## **JÚLIO PERNETTA E A SÉRIE “COSTUMES PARANAENSES”: O CABOCLO NOS ESBOÇOS LITERÁRIOS REGIONAIS**

Mauro Cezar Vaz de Camargo Júnior<sup>1</sup>

**Resumo:** O processo de construção da identidade nacional durante a instalação da República utilizou como uma de suas estratégias a afirmação de um discurso de origem comum para os habitantes locais, o que resultou na exaltação de um “tipo” marcado pela união de indígenas, negros e portugueses. O reconhecimento deste imaginário étnico foi apropriado de diferentes formas nos espaços periféricos da nação, nosso estudo se detém sobre uma das formas de apreensão desta discussão, mais especificamente sobre os escritos do paranaense Júlio Pernetta na revista *O Cenáculo*.

**Palavras-chave:** Intelectuais, Identidade, Literatura.

## **JÚLIO PERNETTA Y LA SERIE “COSTUMES PARANAENSES”: EL CABOCLO EN LOS ENSAYOS LITERARIOS REGIONALES**

**Resumen:** El proceso de construcción de identidad nacional durante la instalación de la República utilizó como una de sus estrategias la afirmación de un discurso de origen común para los habitantes locales, que resultó en la exaltación de un “tipo” marcado por la unión de indígenas, negros y Portugués. El reconocimiento de esta imaginación étnica fue apropiado de diferentes maneras en los espacios periféricos de la nación, nuestro estudio se centra en una de las formas de aprehender esta discusión, más específicamente en los escritos de Paraná Júlio Pernetta en la revista *O Cenáculo*.

**Palabras-clave:** Intelectuales, Identidad, Literatura.

Júlio Pernetta (1869-1921) foi um escritor e jornalista paranaense que dedicou grande parte de seus escritos a descrever costumes e tradições do seu estado natal, fazia parte da geração que dominou a literatura paranaense na década de 1890. Esse grupo, que buscava alternativas ao

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). (<http://lattes.cnpq.br/5543001673997586>)

Romantismo literário, possuía um forte carácter anticlerical e posteriormente aderiu ao Simbolismo. O discurso destes escritores era da produção de textos que definiam como “científico-literários”, pensando em uma literatura utilizada como ferramenta de transformação cultural da sociedade. Essa concepção fez com que tomassem parte em debates que versavam sobre as definições de raça e nação, temas que emergiram no final do século XX com a proclamação da República e as disputas pela definição de uma identidade que remetesse a um reconhecimento da população brasileira.

Neste artigo a proposta é analisar quatro contos escritos por Júlio Pernetta: *Amor Bucólico*<sup>2</sup>, *O Exorcismo*<sup>3</sup>, *Benedicto Buzina*<sup>4</sup> e *Totó Bueno*<sup>5</sup> que circularam entre os anos de 1895 e 1896 na revista *O Cenáculo* dentro da série intitulada *Costumes Paranaenses*. Elas se destacam em meio a produção da geração e do periódico citados por descrever hábitos e costumes da população denominada “cabocla”, assim como por inserir essa população na base genealógica paranaense.

Com este artigo pretende-se contribuir com os estudos sobre a formação social brasileira e as compreensões que as elites locais apresentavam sobre miscigenação e progresso em seus projetos de identidade e de memória. A análise proposta parte do entendimento de que a identidade nacional é marcada pelas disputas entre diferentes projetos regionais. Isto significa que a afirmação das representações sobre a cultura e o passado resultam em acúmulo de capital simbólico, estes capitais são agenciados pelas elites locais para justificarem seus domínios, mas também são úteis para as negociações de seus interesses em nível nacional,

---

<sup>2</sup> PERNETTA, Júlio. *Amor Bucólico*. *O Cenáculo*, maio de 1895, p. 17-31.

<sup>3</sup> PERNETTA, Júlio. *O Exorcismo*. *O Cenáculo*, outubro de 1895, p. 22-32.

<sup>4</sup> PERNETTA, Júlio. *Benedicto Buzina*. *O Cenáculo*, dezembro de 189, p. 17-26.

<sup>5</sup> PERNETTA, Júlio. *Totó Bueno*. *O Cenáculo*, junho de 1896, p. 15-24.

uma vez que esse capital cultural serve como moeda de troca por poder político e econômico.

No Paraná era latente a demanda pela construção de uma imagem sobre o estado que servisse para sua representação e ao mesmo tempo criasse um sentimento de pertencimento na população, pois foi o último território a ser formado no período imperial e ainda estava estreitamente associado à monarquia e à província de São Paulo, território de onde havia se emancipado em 1853.

Pernetta e o grupo de escritores a qual estava associado descreviam a formação da população local por um processo de evolução social afirmado nos postulados spenceristas. Eles entendiam a miscigenação como estágio de desenvolvimento, com etapas definidas e que deviam ser alcançados para se chegar ao estágio ideal, com a formação de uma população com características próprias, moderna e civilizada. Nessa perspectiva, o indígena e o caboclo eram concebidos como etapas do desenvolvimento de uma população nacional, que seriam agregados ao processo evolutivo pela miscigenação com os europeus e africanos, com a primazia dos brancos.

Essa “formação racial” seria característica da população brasileira, porém consideravam que havia especificidades locais, que teriam influência da natureza (como relevo, temperatura, fauna e flora), das diferenças entre os grupos indígenas e das suas formas de adaptação ao ambiente regional. Assim, a determinação do tipo local era resultante da equação: raças-meio-trajetória, que formaria as especificidades nos traços físicos e psicológicos.

Textos como os produzidos por Júlio Pernetta serviam à construção de uma “genealogia” do “tipo paranaense”, dotando aquela sociedade de um passado e ao mesmo tempo enunciando-a como representante de uma etapa avançada do desenvolvimento e da civilização. Ainda sua obra acrescia aos “antepassados” valores fundamentais e caros à sociedade

contemporânea a ele, ao grupo de escritores do século XIX interessava a forja de uma identidade local com vistas ao futuro, uma afirmando o Paraná – e eles mesmos – como “modernos”.

Para melhor compreensão dos significados dessa coletânea optei por dividir o artigo em duas partes. Na primeira buscamos localizar o autor no campo intelectual paranaense do final do século XIX, tomando a perspectiva teórica de Pierre Bourdieu para a apresentar as disputas pela legitimação, espaços de consagração e capitais culturais mobilizados nesse processo. O estudo também utiliza o debate sobre geração de Jean-François Sirinelli, para pensar as associações entre temas e autores que vivenciaram os mesmos processos em suas trajetórias e se reconheciam como um grupo de escritores localizados na periferia dos espaços consagrados de produção cultural, em um esforço de dominação do campo local e de inclusão em nível nacional.

A segunda parte se volta à discussão da série de textos *Costumes Paranaenses*, que versam sobre práticas culturais locais que Júlio Pernetta considera estarem desaparecendo, os textos se inserem no diálogo entre a Literatura e a História em um período em que as fronteiras disciplinares são ainda fluidas. Desta forma, os textos servem para debater a visão que o autor constrói sobre os chamados “caboclos”, quais hábitos associa a essa população e como a insere em meio às memórias e trajetórias de formação da população local.

### **Júlio e O Cenáculo**

Júlio Pernetta nasceu no ano de 1869, era filho de Cristina Maria dos Santos com o comerciante Francisco Davi Antunes, que atendia pela alcunha de “Perneta” por uma deficiência física. O autor era o segundo de

quatro irmãos Emiliano, Júlio, Evaristo e João. Nas décadas de 1880 e 1890 o campo cultural paranaense tinha a forte presença de uma nova geração que se articulava em oposição ao movimento romântico, assumindo tom de modernização mobilizado por um imaginário republicano.

Essas ideias estavam nas produções dos jovens daquele período que se expressavam em jornais e revistas estudantis. Os interesses comuns formavam um grupo que ficou conhecido como geração<sup>6</sup> de 1890, formada no Paraná por escritores nascidos entre 1860 e 1870, mais especificamente pelo grupo composto por Emiliano Menezes, Nestor Victor, Emiliano Pernetta, Dario Velloso, Sebastião Paraná, Alfredo Romário Martins, José Candido Muricy e Júlio Pernetta.

Esses agentes tiveram trajetórias que os aproximaram em espaços escolares, grêmios, academias de artes, redações de jornais e no Clube Coritibano<sup>7</sup>. Estes lugares serviram à constituição de relações de interesses e amizades e, por vezes, resultaram em projetos próprios em que é possível percebermos a continuidade desta rede de intelectuais; é o caso de publicações como: *Revista do Club Curitybano* (1891), *O Guarany* (1891), *O Futuro* (1892) e *Revista Azul* (1893).

Entre os principais nomes deste movimento estava Emiliano Pernetta, irmão mais velho de Júlio, que lançou em 1888 o livro de poemas *Musicas*. Ele era ativo partícipe do Clube Republicano de Curitiba e estudou Direito em São Paulo, onde se aproximou de nomes como Afonso de Carvalho,

---

<sup>6</sup> A compreensão de Geração aqui segue o debate de autores como Sirinelli, de acordo com o ele é preciso que a leitura de uma geração seja feita para além de sua existência enquanto faixa demográfica, mas que se compreenda a existência de uma identidade para a comunidade estudada, pensado seu evento inaugurador, produções e inserções sociais. SIRINELLI, Jean-François. "A geração". In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. 4ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2001.

<sup>7</sup> O Clube Curitibano era recreativo e foi criado em setembro de 1881, convertendo-se em importante lugar para a construção de redes de sociabilidade entre eruditos. Sua sede era frequentemente utilizada por grupos de estudo, tanto para discussões acerca da cultura local quanto para articulações política, partidárias e de organização econômica, sobretudo dos setores dominantes da sociedade associados ligados a produção de erva-mate.

Edmundo Lins e Olavo Bilac; além disso, em sua formatura fez um discurso em favor da república que havia sido proclamada no mesmo dia. O papel de Emiliano era central na articulação daquela rede de intelectuais que dominava o cenário cultural curitibano no final do século XIX, pois tinha reconhecimento e integração com os campos culturais de fora da província. Esta trajetória levaria ao seu coroamento no passeio público de Curitiba como o “príncipe dos poetas paranaenses”.

Júlio, por sua vez, não frequentou a faculdade e permaneceu em Curitiba. No final na segunda metade da década de 1890, o autor era funcionário do jornal *A República* (órgão do Partido Republicano) e também cumpria expediente como funcionário da Secretaria de Obras Públicas e Colonização do Paraná. Em paralelo publicava textos em revistas como a *Revista do Clube Curitibano* e *Revista Azul*, esta despertava a expectativa de que fosse uma propagadora do movimento simbolista, mas teve sua circulação interrompida pelos conflitos da Revolta Federalista (1893)<sup>8</sup>.

No território paranaense houve combates provocados por ambas as revoltas, Federalista e da Armada. A imprensa teve suas atividades suspensas nos locais em que havia simpatizantes do federalismo. A produção cultural foi englobada pelo conflito, que promoveu o acirramento das animosidades entre grupos da União Republicana Paranaense (URP) e do Partido Republicano Federal (PRF). Enquanto a primeira identificava-se com o movimento federalista que se articulava no Rio Grande do Sul, os signatários da segunda legenda se colocaram ao lado do poder central, em razão de “uma identificação e articulação política entre o PRF do Paraná, o Governo

---

<sup>8</sup> Os conflitos da Revolta Federalista ocorreram entre 1893 e 1895. O movimento de contestação do modelo republicano centralizador teve estopim no Rio Grande do Sul, quando da disputa entre os apoiadores de Júlio de Castilhos e os de Gaspar Silveira Martins. Ganhou força com as insatisfações causadas pelo governo de Floriano Peixoto, que levaram igualmente à Revolta da Armada (1893-1894), liderada pelo Almirante Custódio de Mello. Estavam em disputa diferentes projetos de nação.

e os republicanos do Rio Grande do Sul”<sup>9</sup>. Essa aproximação se deveu a uma aliança com os presidentes de estado do Paraná, Vicente Machado<sup>10</sup>, e do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, ambos alinhados ao grupo de Floriano Peixoto. Após 1893, o governo paranaense se colocou oficialmente como oposição ao grupo de Gumerindo Saraiva, um dos comandantes das tropas rebeldes federalistas. Os traumas de uma guerra civil com um número expressivo de mortos, a ocupação do território, o cerco da Lapa e o falecimento do líder do PRF são a parte mais conhecida de um processo que marcou uma geração de paranaenses e a história do estado.

A movimentação dos confrontos envolveu grande parte da população paranaense, incluindo os escritores ligados àquela publicação. Entretanto, não dispersou a rede de amizades entre os intelectuais locais. Por exemplo, dentro do Clube Curitibano, Júlio Pernetta juntamente com Dario Vellozo, Silveira Netto e Antônio Braga foram “partícipes do grupo (...) chamado *Cenáculo* e se reuniram pela primeira vez em 1893”<sup>11</sup>. O grupo tinha como intuito discutir literatura, e apesar do quarteto fundador, era frequentado por outros escritores locais, para troca de conhecimentos e leitura <sup>12</sup>. Disseminaram uma estética artística simbolista <sup>13</sup>, além de

---

<sup>9</sup> MARACH, Caroline Baron. *Discursos e linguagens na Revista do Clube Curitibano (1890 - 1912)*. 167p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013, p. 105.

<sup>10</sup> Vicente Machado assumiu o poder em 1893, no lugar de Francisco Xavier da Silva, eleito um ano antes e afastado por motivos de saúde.

<sup>11</sup> MARACH, Caroline Baron. *Discursos e linguagens na Revista do Clube Curitibano (1890 - 1912)*. 167p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013, p. 123.

<sup>12</sup> Sílvia de Melo, em tese intitulada *Esses moços do Paraná* (2008), em que trabalha essa geração, discute as memórias de Silveira Netto, onde narra que, ainda jovem, vindo do litoral paranaense, foi apresentado a Antônio Braga, com quem dividia uma admiração por Casemiro de Abreu; anos mais tarde, Braga foi citado de forma irônica em um folheto e foi tomar satisfação com o seu diretor, Dario Vellozo. Após a confusão, tornaram-se amigos. Júlio Pernetta, por sua vez, era íntimo de Vellozo e não demorou a compor o grupo, que se reunia na casa de Vellozo, onde havia uma ampla biblioteca que emprestava aos amigos (p. 5).

promoverem um intenso debate sobre a formação da nação, seus habitantes e sua organização política. Dessas discussões, surgiu, em 1895, a revista *O Cenáculo*, que circulou até 1897.

As vinte e sete edições foram impressas na Typographia da Companhia Impresso Paranaense. O periódico merece atenção por ter sido um dos principais veículos de expressão desta geração, disseminando signos e valores que se mantiveram nas primeiras três décadas do século XX. Esta empresa foi gestada dentro do Clube Curitibano, de acordo com Caroline Marach, que analisou os documentos produzidos por seus membros. Já a revista foi uma iniciativa em relação direta com o fim dos conflitos, pois seus editores acreditavam que a cultura contribuiria para a reorganização social, servindo de ferramenta para aproximação entre os indivíduos e como espaço para a circulação de ideias. Assim, seus colaboradores investiram seus capitais simbólicos para a promoção de seus nomes em âmbito local. Tinham interesse na afirmação de uma voz legítima sobre a cultura paranaense, ainda de que tal projeto lhes permitisse alcançar uma consagração em nível nacional.

Como parte das estratégias dos editores da revista, percebe-se uma tentativa de mediação, buscando tanto agregar diferentes contribuintes para o fortalecimento da publicação quanto inserir os debates simbolistas como diferencial do empreendimento. Essa expressão aparece no primeiro número da revista, no qual Dario Vellozo afirmava:

O Cenáculo não vem pugnar dogmaticamente por nenhuma escola philosophica ou litteraria, porquanto não admite exclusivismo partidário, nem reza liturgicamente as litanias modicadas pelo

---

<sup>13</sup> Além das movimentações já apresentadas, de nomes como Emiliano Perneta e Jean Itiberé, durante a Revolta Federalista ocorreu a passagem do poeta Luiz Murat pelo Paraná. O carioca integrava o grupo do almirante Custódio de Mello e, durante a ocupação de Curitiba ficou responsável pela direção da imprensa, onde teve contato com alguns nomes desta geração.



fanatismo orthodoxo; quer o sentimento pelo sentimento, e a verdade pela verdade (...) procurará, corajosamente, aproveitar os minereos – heterogêneos embora, - que constituirão quiça o período primordial da literatura paranaense concorrer também ao certame scientifico-litterario que já se vae acentuando em alguns dos demais Estados da República.<sup>14</sup>

Deste trecho da carta de apresentação, destaco três pontos: a construção de um discurso de integração, representado pela ideia de “ausência de dogmas e de escolas literárias”; o entendimento dos editores da revista quanto a constituir um “período primordial da literatura paranaense”; e, por fim, acentuação de sua finalidade, qual seja, a de promover a produção local em esfera nacional, colocando como missão do empreendimento “concorrer ao certame” que definiam com “scientifico-litterario” junto aos demais estados da República.

Como referido anteriormente, havia a compreensão de que por intermédio da cultura seria possível elevar a representatividade do Paraná em nível nacional, agregando capital cultural o que era entendido como uma possibilidade de conversão em poder político e econômico. Era assim necessário estabelecer uma convergência com os discursos do plano nacional, mas também tinham interesse em delimitar as especificidades locais de uma província que possuía pouco mais de quarenta anos.<sup>15</sup>

Os artigos afirmavam que a população local teria peculiaridades físicas, psíquicas e de costumes marcadas pela influência mesológica da região e pelo processo de ocupação. Havia também a relativização da escravidão no estado, sob a alegação de que, diferentemente do que ocorrera no Nordeste, no Paraná não houve uma produção de grande

---

<sup>14</sup> VELLOZO, Dario. O Cenáculo. *O Cenáculo*. Curitiba, abril de 1895, p. 2.

<sup>15</sup> O Paraná se emancipou em 1853 por intermédio de uma articulação dentro do partido conservador, a emancipação foi negociada entre o governo e as elites locais como forma de diminuir o apoio as revoltas liberais do período.

escala, como a da cana-de-açúcar. Assim, a população paranaense teria sido composta originalmente por uma população cabocla<sup>16</sup>, como o restante do país, estando este mestiço num processo de desenvolvimento da “espécie humana” e que viria a ser, aos poucos, superado pelo processo de modernização da região.

As discussões em torno de uma origem do tipo nacional e local atravessam diferentes produções apresentadas na revista, que dedicou em 1896 uma edição especial aos indígenas, referenciados como elementos fundamentais da formação nacional. Essa revista teve contribuições de nomes como Emiliano Pernetta, Júlio Pernetta, Romário Martins, José Francisco da Rocha Pombo, a temática havia surgido dos debates feitos no grupo de *O Cenáculo* e buscava compreender um indígena para além do Romantismo. Entretanto, há nessa leitura uma permanência de perspectivas como a heroicização das tribos indígenas, as tomado como referência genealógica do paranaense, estes grupos eram vistos como base de afirmação da anterioridade da população. Assim acentuava-se a ancestralidade nos guaranis, mas reforçavam o discurso de “evolução” e miscigenação apresentando um ideal de sociedade “civilizada”.

Na referida edição especial de *O Cenáculo*, sobre os indígenas, Júlio Pernetta e Alfredo Romário Martins, apresentam textos que narram o processo de dominação dos indígenas, a formação de grupos miscigenados e a constituição do grupo denominado como caboclo. Estes dois autores tem uma trajetória de proximidade, tanto Júlio como Romário Martins escreviam poemas, mas na segunda metade da década de 1890 passaram a escrever textos sobre o passado local e também dividiram espaço na

---

<sup>16</sup> A definição de caboclo está associada a uma alegada “construção étnica”, mas na leitura destes textos, e mesmo em outras análises, percebemos que as descrições fazem poucas menções a características físicas, mas sim a costumes e condições sociais. Caboclos são descritos geralmente como pessoas pobres, de costumes rurais, com pouca instrução formal.

repartição pública, na redação do jornal e em projetos intelectuais como a revista *A Penna* em 1897.

Após essas experiências, Júlio Pernetta vai além na discussão e passa a demarcar transformações da sociedade paranaense com o desaparecimento de algumas práticas. Seus textos foram importantes para a construção da memória sobre as tradições locais, em um processo de memorialização que exaltava determinadas práticas e costumes, ao mesmo tempo em que fazia uma seleção e as colocava como objetos do passado. Esse lugar de rememoração era ocupado pelos hábitos rurais de uma população cabocla, que estariam sendo “ultrapassados” pela urbanização e pela industrialização.

### **O Caboclo de Júlio Pernetta**

A definição de caboclo tem uma trajetória ligada ao período colonial e outra associação com o indígena e ao mestiço. Marcio Both da Silva<sup>17</sup> ao buscar problematizar o conceito remete ao alvará de 1775 quando o rei D. José de Portugal proibiu o uso do termo para designar os filhos de brancos e indígenas, posição que só passou a ser revista com a própria redefinição do termo e a sua utilização dentro da narrativa evolutiva da sociedade brasileira, a qual passou a admitir a mestiçagem como parte da sua formação. O retorno dos debates sobre o tema foi atribuído por Silva ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, com textos como os de Carlos Friedrich Philipp von Martius e a proposição de escrita da história

---

<sup>17</sup> SILVA, Marcio Antônio Both. Caboclos. *História Unisinos*, São Leopoldo, V.18, nº2, 2014, p. 340.

do Brasil onde se destaca o debate de raças e sobre uma ótica da miscigenação como especificidade nacional.

Este debate era corrente na década de 1890 e balizou a escrita de Júlio Pernetta. Além disso, outra influência foi a visão positivada dos rituais populares apresentados no livro *Festas e Tradições* publicado em 1888 por Alexandre José de Melo Moraes Filho<sup>18</sup>. Nesta obra, o autor se propunha catalogar as tradições nacionais, apresentando como cultura nacional as festas e rituais religiosos de populações negras e mestiças<sup>19</sup>, dedicou-se a detalhar e descrever cantos, danças, rezas, casamentos e a descrever “tipos da rua” (que seriam figuras cotidianas da vida urbana e rural). A sua coleta é de um folclorista e a intenção é catalogar hábitos e costumes que considera em processo de desaparecimento por conta das transformações da sociedade, em muito relacionadas à crise do sistema imperial, industrialização, urbanização. Ao mesmo tempo que visibiliza grupos marginalizados da sociedade os descreve com uma visão romantizada de um saudosismo conservador, atuando nas fronteiras ainda indefinidas entre folclore, sociologia e literatura.

Júlio Pernetta fez uma análise do livro de Moraes Filho, publicada no quarto número de *O Cenáculo*:

---

<sup>18</sup> Aqui encontramos novamente a referência ao médico Alexandre José de Melo Moraes Filho, citado no subtítulo anterior por suas teorias sobre os indígenas e sua importância para a construção de uma característica própria para a nação brasileira. Mello Moraes Filho é entendido por Martha Abreu (1998) como um precursor do folclorismo; sua posição era conservadora de contemplação de uma sociedade carioca que se transformava no final do século XIX, tinha uma formação fortemente influenciada pela igreja católica, mas suas concepções eram contrárias a política de branqueamento e com defensoras de um nacionalismo que resistisse a uma cultura estrangeira, para a historiadora seu pensamento se ladeava com o de autores como Araripe Junior, Joaquim Nabuco, Alberto Torres e Manoel Bomfim. Segundo Abreu (1998), em *Festas e Tradições Populares* (1888), várias partes se dedicam a festas religiosas, populares, momentos históricos e o que o autor chama de “episódios da regência”, em que narra eventos da história negra.

<sup>19</sup> Esse artigo utiliza estes termo por serem os categorizados pelos autores oitocentistas apresentados neste artigo.

Recordar as nossas festas e tradições populares que vão soturnamente desaparecendo, amortalhadas pela indiferença de alguns e pelo convencionalismo pedante da civilização impostada, é exaltar velhos costumes verdadeiramente brasileiros, ainda não maculados pelo importuno bafejo das manufacturas estrangeiras; é folhear, pagina, por pagina, o sacratíssimo missal, onde avulta tudo quanto um povo tem de mais nobre e venerável. A Mello Moraes Filho devemos o não olvidamento completo de nossos costumes.<sup>20</sup>

A sacralização das “tradições populares” colocava-as na posição de expressão máxima da cultura brasileira, pois seriam manifestações contrapostas ao que considerava estrangeirismos. Para embasar essa ideia recorreu a Silvio Romero<sup>21</sup>: “que vae esquecendo o seo passado, perdendo o seo character nativo, olvidando as suas lendas (...) mascarando a physionomia tão singela e prazeteira na sua originalidade, com os ouropéis de umas estrangeirices importunas”<sup>22</sup>. Romero havia publicado em 1885 o livro *Contos Populares do Brasil* em que definia os contos passados oralmente nas cidades e fazendas como uma literatura anônima, entendia essas narrativas como marcas da miscigenação entre negros, indígenas e portugueses que formava a “base segura da nacionalidade Brasileira” e os contos formavam uma “Syntese Affectiva da nacionalidade brasileira”.<sup>23</sup>

Júlio Pernetta apresentava os contos como manifestações da mestiçagem, pensamento valorizado por autores como Silvio Romero e Moraes Filho em nível nacional e apropriado para a cultura local. Assim, Júlio escreveu textos que construíam um encantamento bucólico, amparado nas

---

<sup>20</sup> PERNETTA, Júlio. Festas e Tradições. O *Cenáculo*. Curitiba, julho de 1896, p. 5.

<sup>21</sup> Romero e Mello Moraes Filho, estão presentes nas referências do grupo de O *Cenáculo*.

<sup>22</sup> PERNETTA, Júlio. Festas e Tradições. O *Cenáculo*. Curitiba, julho de 1896, p. 7.

<sup>23</sup> O livro é dividido em três partes uma dedicada a Contos Europeus, outra a Fábulas Africanas e a última a fabulas de origem tupi. Os textos são apresentados como coletados pelo autor e por outros pesquisadores (como José Vieira do Couto Magalhães) em estados como Sergipe, Pernambuco e Rio de Janeiro. ROMERO, Silvio. *Contos populares do Brasil*. Coligidos pelo Dr. Silvio Romero; com um estudo preliminar e notas comparativas por Teófilo Braga. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1ª edição, 1885, p. 9.

definições simbolistas de decadência da sociedade moderna. Ao mesmo tempo, propunha que a “evolução” da sociedade era irreversível e o que teria validade na preservação destas memórias era a preservação de “valores morais” do caboclo e o registro dos rituais e costumes do campo.

Ele exprimiu em seus contos o interesse dos grupos hegemônicos locais em manter relações de reconhecimento e distanciamento entre seus hábitos e os do Norte e Nordeste do país. O Nordeste e o Sudeste eram dominantes na construção da identidade nacional, e os intelectuais paranaenses não se reconheciam nesse estereótipo de nação. Assim, buscavam imprimir marcas distintivas locais que, ao mesmo tempo, assegurassem a pretensa diferença em relação aos demais estados brasileiros e não os tornassem distantes da representação de Brasil. Da mesma forma, defendiam que a população local seria mais “evoluída”, na medida em que negavam ou relativizavam a presença dos negros na região sul do país. Por fim, associavam o clima da região ao clima europeu, ameno, oposto ao calor predominante no Norte e no Nordeste.

Júlio Perneta recorreu às descrições de Mello Moraes Filho para sublinhar as diferenças culturais paranaenses. Tomou como exemplo o “casamento na roça”, realizado no Norte e Nordeste. Ele identificou as diferenças em relação aos costumes paranaenses, destacando a “vivacidade” e as características – para ele, “hilárias” – que aproximavam as cerimônias de recepção dos noivos ao carnaval. As tradições tomariam seus escritos posteriores, com narrativas em forma de contos objetivando registrar um repertório de hábitos que considerava representativos dos costumes locais. Como exemplo, o texto *Lendas e Tradições*, publicado na *Revista do Club Curitybano*:

A alma Brasileira só se manifesta sinceramente, na sua angélica primitividade, quando fala pelos lábios ingenuos do caboclo. É esse bello sertanejo, que habita o coração das mattas, que ahi guarda e transmite, religiosamente, a seus filhos as lendas e tradições que recebe de seus paes. (...) como é bello ouvi-lo narrar á sua família as lendas e tradições da sua terra, despertando assim naquelles corações simples o amor pelo berço e pelo passado de luz da alma nacional.<sup>24</sup>

O autor entendia as lendas e tradições dos caboclos como representação da “alma nacional”, logo, deveriam ser “preservadas e cultuadas”. A importância desses registros estaria na sua capacidade de gerar sentimento de pertencimento e serviria aos interesses do Paraná em construir sua unidade. A delimitação sobre cultura proposta pelo autor rejeitava uma identidade com signos de culturas estrangeiras, optando pelas chamadas “tradições populares”. Ao mesmo tempo em que estabelecia a importância das tradições, a iniciativa de registrá-las revelava igualmente a compreensão de que estavam fadadas ao desaparecimento, pois seriam substituídas por práticas “civilizadas e modernas”. Vale ressaltar que, no seu entendimento, para alcançar esse conhecimento “ancestral” seria necessário um levantamento de memórias, acessíveis por meio da tradição oral. Isso garantiria o registro mais “sincero” da “alma nacional. Como o autor entendia que a população denominada cabocla era majoritariamente analfabeta, a oralidade e as práticas seriam os principais meios de conservação das suas memórias.

Após a publicação de *Lendas e tradições*, seguiu-se uma série de quatro contos intitulada *Costumes Paranaenses*, publicada em *O Cenáculo*. Os contos eram *Amor Bucólico*<sup>25</sup>, *O Exorcismo*<sup>26</sup>, *Benedicto Buzina*<sup>27</sup> e *Totó*

<sup>24</sup> PERNETTA, Júlio. Lendas e Tradições. *Revista do Club Curitybano*. Curitiba, 15 de abril de 1896, p.1.

<sup>25</sup> PERNETTA, Júlio. Amor Bucólico. *O Cenáculo*. maio de 1895, p. 17-31.

<sup>26</sup> PERNETTA, Júlio. O Exorcismo. *O Cenáculo*. outubro de 1895, p. 22-32.

<sup>27</sup> PERNETTA, Júlio. Benedito Buzina. *O Cenáculo*. dezembro de 1895, p. 17-26.

Bueno<sup>28</sup>. Nestes textos, Júlio Pernetta apresentou personagens que eram o estereótipo do caboclo como população local. Associou-o aos hábitos rurais, como plantio e venda de produtos agrícolas, corridas de cavalos e bailes realizados em galpões, além de características como o pouco estudo formal e a crença em elementos místicos. Os hábitos descritos pelo autor contrastavam com o ideal de modernidade e civilização que circulava na própria revista, mas as narrativas eram condizentes com o discurso de construção moral de um tipo local, valorizando características psicológicas como a inocência, a contenção e a pureza.

Em *Amor Bucólico*, no qual o próprio título remete à apreciação romântica do campo, o escritor narrou a união do casal Nhô Lao e Nhá Tudinha, em uma história que ocupou 14 das 35 páginas da revista. O conto foi dividido em cinco partes, partindo do momento em que os dois protagonistas se conheceram, seu noivado, seu casamento e indo até o início de sua vida comum na roça. Apresentou Nhô Lao como “o gaúcho mais guapo da circunvizinhança”, que tinha “a vida despreocupada de um fazendeiro”. O protagonista estudara na capital por iniciativa do pai, oportunidade que pouco aproveitou, mas que muito lhe servia no convívio na roça<sup>29</sup> e garantia posição social e popularidade na cidade. A rotina de Nhô Lao era ligada à atividade do plantio de milho e feijão, mas principalmente às corridas de cavalo e aos fandangos<sup>30</sup>:

---

<sup>28</sup> PERNETTA, Júlio. Totó Bueno. O *Cenáculo*. junho de 1896, p. 15-24.

<sup>29</sup> O personagem teria feito até o oitavo ano, o bastante para consideram ele como rapaz estudado, ainda tão importante quanto isso era o fato de ter morado na capital.

<sup>30</sup> O Fandango é uma expressão cultural tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que o define como “forma de expressão possui uma estrutura bastante complexa e se define em um conjunto de práticas que perpassam o trabalho, o divertimento, a religiosidade, a música e a dança, prestígios e rivalidades, saberes e fazeres. O Fandango Caiçara se classifica em batido e bailado ou valsado, cujas diferenças se definem pelos instrumentos utilizados, pela estrutura musical, pelos versos e toques”. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/83/>>. Último acesso em 05/11/2017.



Salão enorme, alumiado tristemente por velas, enredomadas em lanternas de vidro, dando aos semblantes um tom sombrio e grave (...) mulheres papudas percorriam o salão oferecendo chimarrão aos convidados (...) a cuia passava de mão em mão, calma e pacatamente. Grupos, nos cantos, tratavam de eleições e da corrida do Picaço, que tinha ganho de *paleta*, isso mesmo porque enterraram Santo Antônio na raia. Súbito, todos os olhos se voltaram para a entrada do salão; era Nho Lao que chegava, fazendo retinir pelo soalho as rosetas das suas grandes chilenas prateadas, de fazendeiro.<sup>31</sup>

Essa apresentação define hábitos como a organização dos fandangos, do consumo do chimarrão, além das conversas sobre cavalos e política. Também demarca meios de diferenciação social, pois Nhô Lao era reconhecido por seu cavalo campeão, pela roupa e mesmo pelo modo de falar, sem erros de pronúncia. O fandango foi reiteradamente afirmado por Júlio Pernetta como ritmo que representava a população local. Em suas descrições, tem relação com a apropriação e adaptação de ritmos europeus às condições e gostos da população rural. Trata-se da mesma estratégia que Mello Moraes Filho utilizou para descrever os lundus, fados e chulas na sociedade carioca. Mais do que o ritmo, importava a ritualização nos espaços do fandango, com suas coreografias e disputas de rima, nas quais se apresentavam hierarquias e valores da sociedade local.

Por meio destas relações, Nhô Lao se tornava superior aos seus amigos, levando vantagem por ter estudado. Foi com os versos que conquistou sua futura esposa. Outra estratégia que chama atenção é a descrição dos detalhes, atentando para cenários e hábitos cotidianos. Isso fazia com que o leitor compreendesse tais práticas como recorrentes entre aquela população. Exemplar era o momento em que Nhô Lao fazia o pedido de casamento, sendo recebido com a hospitalidade local e “matte, chimarrão e cigarro”. Como bom visitante, ele “palestrou” sobre a eleição e a corrida

---

<sup>31</sup> PERNETTA, Júlio. Amor Bucólico. O *Cenáculo*. maio de 1895, p. 18.

de cavalos. No âmbito da representação sentimental, a aparente frieza entre os personagens é contraposta à sinceridade. Em suas conversas, o casal trata de temas como a colheita, o comércio e a família, mas não há declarações de sentimentos – apenas no início do conto, durante o fandango em que se conheceram. Ao autor justifica esse comportamento pela timidez, explicando que ambos os personagens sabiam da existência de um amor.

A história continua na festa de casamento, com a competição de versos, comportamentos à mesa e o funcionamento dos salões de festa. Nesta última descrição, há similaridade com o conto *Casamento na roça*, de Mello Moraes filho, ambos falam da existência de um salão para as valsas e um para as danças populares. No texto de Júlio Pernetta era Nhô Lao quem descrevia as diferenças, pois, por mais que estivesse contente no salão das valsas, “fugiu” para o outro, mais animado, com disputas de rima.

O autor romantizava as relações estabelecidas no campo e acentuava o lugar das festas como espaço de convívio entre diferentes grupos econômicos e políticos. O tom “bucólico” do título repousaria nos elementos cotidianos que são descritos de forma “sacralizada”, estabelecendo uma memória para hábitos que, na sua perspectiva, desapareciam naquela virada de século. Essa intenção de “conservação de um passado” aparece também no conto *O Exorcismo*, que tem como personagem principal Vadosinho – o Vado –, um campesino nascido “no fundo de uma vila pobre”, que se dispunha a apresentar algumas de suas memórias. Vado, como gostava de ser chamado, dizia ser um homem letrado,<sup>32</sup> e esse conhecimento lhe valia para ensinar os outros membros de sua família. Por conta disso, seu pai, com a ajuda de um coronel da política local, conseguiu sua nomeação como mestre-escola.

---

<sup>32</sup> No sentido de conhecimentos de letramento básico.

O clientelismo, que marcavam as relações entre fazendeiros ricos e agricultores mais pobres, foi apresentado nessa intensa negociação. A nova posição de Vado permitiu a realização de um sonho, mas também se mostrou um tormento: “A família se dispersara pelo interior da casa, pererecando n’um contentamento enluarado em sombras de tristezas; porque, apesar de ignorante, ella tinha a intuição, que é o patrimônio das almas simples: realizar um ideal é a maior de todas as infelicidades”<sup>33</sup>.

Vado atribuía sua simplicidade e a crise interior pela qual passava à leitura que fizera de *As Primaveras*, de Casemiro de Abreu (1860), e à paisagem local, com pouca luz e clima ameno. A segunda lembrança de Vado refere-se à sua maturidade, quando, já casado com Josepha, contava histórias de lobisomem e boitatás para assustar as crianças. Contudo, ele próprio se assustava com a menção às “assombrações”. Neste momento podemos perceber o caráter da narrativa de Júlio Pernetta que, além de literária, buscava a análise social:

A superstição faz parte da crença religiosa do nosso caboclo; elle ouve, a roda do fogo, essas narrativas contadas pelos paes e as trasmitte aos filhos; e assim vão de geração em geração, correctas e argumentadas como os almanaks de notícias. Não ser supersticioso, é não crer em Deos. O caboclo vê nas menores cousas o prenuncio de uma fatalidade. Se lhe passa por sobre a casa o tesoureiro zirrando a cauda em V, é que no céu talha uma mortalha para alguma pessoa da família.<sup>34</sup>

Para resolver seus problemas com as assombrações, Vado conta que chamou Tio Chico, que possuía um “laboratório”. Ali, acondicionava e manipulava suas plantas medicinais colhidas na floresta, úteis para combater

---

<sup>33</sup> PERNETTA, Júlio. O Exorcismo. *O Cenáculo*. outubro de 1895, p. 26.

<sup>34</sup> PERNETTA, Júlio. O Exorcismo. *O Cenáculo*. outubro de 1895, p. 28.

venenos e melhorar humores. Essas práticas se cruzam com orações e cantos católicos. A última parte do texto descreve a benzedura feita por Tio Chico na casa de Vado, apresentando o ritual como resultado de uma sabedoria rudimentar, com credibilidade por estar imersa nos valores e crenças locais. O misticismo é, assim, apresentado como a característica do caboclo. Sua interação com Deus se dava por meio de feiticeiros e não por intermédio de padres. Apesar de o autor conferir a inocência como característica marcante do caboclo, a sua crença não é tratada com desdém, mas como ação cultural. Tal perspectiva e a própria valorização de sua religiosidade são compreensíveis pela participação do autor no movimento anticlerical e por sua simpatia pelo satanismo<sup>35</sup>. Deste modo, percebe-se que sua literatura não se vincula apenas a uma construção consciente do estereótipo paranaense, mas incorpora suas experiências e memórias da realidade que vivia.

Em *Benedito Buzina*, o foco está no personagem homônimo. No conto, também são descritos costumes locais, expostos desde o diálogo inicial:

- O Benedito da Chica Gorda é um rapaz cuéra às direitas, comentavam os desocupados bajuladores da Villa, n'uma proclamação de entusiasmo e respeito.
- Mecê não vio no dia das eleições compadre, o que elle fez ali no largo da Egreja! Pulaco, rapaz! Que se pinchou em cima do nho Néco do Boqueirão com saudade de sangue, e mêmê sabe que nho Néco não é dos peor. Se não fosse seo padre, a cousa fedia a porva.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> O Satanismo era uma influência de textos como *Flores do Mal* de Baudelaire, que tomam Satan como uma contestação da sociedade e de culto a arte, um signo de revolta.

<sup>36</sup> PERNETTA, Júlio. *Benedito Buzina*. O *Cenáculo*. dezembro de 1895, p. 17.

Há uma ênfase nas formas de falar, buscando dar identidade à fala popular, na qual expressões como “pulaco”, “cuéra” e “pinchou”<sup>37</sup> compõem uma espécie de dialeto. O tema que levou os dois personagens descritos à briga era uma eleição, imaginando a participação dessa população nas disputas políticas e, igualmente, a forma peculiar dessa participação. A conversa ocorre na porta de uma igreja em Curitiba, em um cenário com senhoras carolas, cobertas com lenços pretos, de um lado, e a preparação de uma pista para corridas de cavalos, de outro. Ou seja, os valores conservadores da igreja e paralelamente práticas associadas às apostas e bebidas. A visão de uma capital com ares rurais incluía ainda a trajetória dos sujeitos que conversavam, ambos moradores de regiões periféricas e dedicados ao plantio e venda de alimentos. Neste contexto surge a descrição do protagonista:

O Benedito era um desses typos, como infelizmente os há muitos, mesmo em Curitiba, e para os quaes as autoridades tem sempre aberto os pórticos do templo da justiça protetora – indolente, creado vagando pelas estradas, ou chucurreando vinténs de agoa ardente nas vendas, incapaz de suportar um dia de trabalho.<sup>38</sup>

O personagem era uma espécie de anti-herói, distante do ideal do caboclo idealizado por Júlio Pernetta, mas que, a seu ver, correspondia a uma figura popularizada daquele tipo, com um temperamento instável e não afeito ao trabalho. Em contrapartida, era afirmada a preocupação das “autoridades” com tais sujeitos, corroborando a ideia de desenvolvimento

---

<sup>37</sup> Tais expressões são regionalismos: “pulaco” (polaco) se refere comumente a pessoas loiras de pele clara, o que nem sempre remete a origem polonesa, “cuéra” é um adjetivo de posituação de uma pessoa, que transmite confiança, força; e “pinchou” se aproxima do verbo “jogar” ou, nesse caso, “se jogar”.

<sup>38</sup> PERNETTA, Júlio. Benedito Buzina. *O Cenáculo*. dezembro de 1895, p. 18.

do Paraná. Por outro lado, Benedito era provido da inocência e da autenticidade dos fazeres cotidianos, da sobrevivência e da simplicidade que, ligadas ao primitivismo da área rural, resistiam nos hábitos destes personagens.

Outra estratégia literária utilizada pelo autor foi a manutenção de personagens em várias histórias, como Tio Chico, que também aparece no último conto veiculado pela revista, *Totó Bueno*. A narrativa conta o último dia de vida do personagem que dá título ao texto, um homem que não conseguia dormir prevendo que algo ruim iria acontecer. Diante do mal-estar, passou a madrugada na beira do fogo tomando chimarrão e olhando os presságios da natureza – como um grilo no canto da sala. A compreensão do mau agouro foi compartilhada com seus companheiros de trabalho, que julgaram o caso sério e concordaram que algo ruim deveria acontecer. No trabalho na roça, Totó foi picado por uma cobra, e Tio Chico foi chamado para atendê-lo, assim como “Nho Maneco Bemfica que era *surgião*”. Diziam:

- Que menzinha fizeram?

Tio Chico abriu o bocó e mostrou-lhe a pharmacia.

- Eu curo com isto.

Nho Maneco Bemfica reprovou o tratamento; e os dousurgiões discutiram profissionalmente o meio único aplicável na ocasião.

Tio Chico discordou, e retirou-se meneando a cabeça.

- Não amanhece, garanto, e retirou-se meneando a cabeça.

Nho Maneco Bemfica, cõncio da infabilidade de sua therapeutica, desfez o serviço de Tio Chico e começou outro, como elle entendia.<sup>39</sup>

As discordâncias entre os dois “especialistas” não são exploradas, e a história se dirige para a morte do protagonista, ainda na madrugada, como predisse Tio Chico. Outra contraposição entre a cultura popular e a

---

<sup>39</sup> PERNETTA, Júlio. Totó Bueno. *O Cenáculo*. junho de 1896, p. 16.

“civilizada” se apresenta durante a preparação do velório. Júlio Pernetta descreve a vigília na residência do falecido, onde algumas pessoas propuseram “falas e ladainhas, algumas leituras fonéticas de latim”, reforçando a crítica do autor à manutenção dos ritos católicos naquele idioma o que fazia com que os que professavam essa fé não compreendessem os conteúdos das orações. Entre os presentes, começou a circular a lenda contando que, em algum país qualquer, “um homem foi amaldiçoado pelo padre, porque não ia a missa e não se confessava”. Naquele momento, as velas se apagaram e, uma vez reacesas, o corpo tinha sumido. Alguns dos que ouviram a história foram procurar o padre, que lhes disse:

- É isso mesmo, meos filhos; foi satanás que levou o corpo, porque lhe pertencia; o morto era amaldiçoado; e assim acontece a todos os que não vierem à igreja e não respeitarem os padres que são ministros privados de Deos.

O Pedrinho que escutava a história interrompeu os comentários:

- Qual o que, os padres são assim mesmo; dizem isso para enganar o povo; mas a mim mesmo eles não enganam, porque conheço quem eles são: uma sucia de vadios que vivem do suor do povo. Porque não vão trabalhar na roça, puchar o cabo de uma foice. Eu se fosse subdelegado, punha tudo que é padre na cadeia. Eu não acredito nisso. É bobagem inventada para eles roubarem dinheiro do povo.<sup>40</sup>

O conflito entre as diferentes crenças era uma estratégia para uma nova aparição da posição mística e anticlerical predominante na revista e defendida pelo autor. Assim, a “sabedoria” do caboclo continha resistência à exploração atribuída à Igreja católica. Júlio Pernetta conferia à população local uma “essência mística”, eleita como uma das características culturais que deveriam resistir ao processo de modernização, o que tinha

---

<sup>40</sup> PERNETTA, Júlio. Totó Bueno. *O Cenáculo*. junho de 1896, p.17.

representação real nas figuras dos curandeiros, que passaram a ser desacreditados pela imprensa no final do século XIX.

Esse conto encerra a série de textos de Pernetta em *O Cenáculo*, porém nos anos que se seguiram continuou a se dedicar ao tema das tradições locais. O autor construiu um imaginário sobre o passado da sociedade paranaense atribuindo a ela um sistema simbólico associado aos valores rurais, que remetem aos ideais do romantismo que queriam superar.

Seu colega de trabalho na redação do jornal, Romário Martins, também se dedicou ao tema das tradições locais no texto *As Festas de Nossa Senhora do Pilar, em Antonina* em *O Cenáculo*<sup>41</sup>. No encerramento do texto o narrador de Martins exclama “Deos, como elles eram felizes!”, constatando, em seguida “Tudo se foi!... Foi-se para sempre...”<sup>42</sup>, reafirmando uma visão idílica das práticas e afirmando a sua finitude. Percebe-se um saudosismo que implica na consolidação destas tradições como formadoras da sociedade local e, igualmente, na sua localização no passado.

### **As crônicas e a memória**

A obra de Júlio Pernetta apresenta uma sociedade agrícola formada por rituais de sociabilidade associadas à pouca instrução e uma economia dependente da erva mate, dominada pelas políticas coronelistas e de compadrio. A população era apresentada como simplória e inocente com

---

<sup>41</sup> Romário Martins publicou outras crônicas e contos sobre cotidiano local em jornais, revistas e em livros. Diferentemente de Júlio Pernetta, inicia com a descrição de cotidianos “populares” e, com o tempo, opta por aprofundar-se em “lendas indígenas”, as quais dão forma a sua produção, estando presentes na revista *Ilustração Paranaense* (1927-1930) e no livro *Paiquere* (1940).

<sup>42</sup> MARTINS, Romário. *As Festas de Nossa Senhora do Pilar*. *O Cenáculo*. julho de 1896, p. 27.



uma fala marcada por gírias e sotaques, orientadas por uma cosmologia formada por um “encantamento místico” diverso do catolicismo, além de sociabilidades centradas nas corridas de cavalo e nos “bailes de galpão”, considerados como espaços rústicos e primitivos.

Essa visão sobre o estado do Paraná e sobre seus habitantes destoavam das narrativas vinculadas nos discursos dos governantes e mesmo em outras publicações periódicas que circulavam na região, dominada pela afirmação do estado como “jovem”, mas modernizado e civilizado. Estes signos da construção da identidade paranaense envolviam discursos da negação da presença negra e da escravidão, a primazia de um ideal católico e a formação de um imaginário da população com uma constituição racial mais próxima aos europeus. Portanto, enfatizava-se a presença lusitana e a imagem de uma adaptabilidade ao clima frio como aspectos formadores de uma raça mais desenvolvida física e psicologicamente.

Júlio utiliza contos com temáticas fantasmagóricas e tomados por credences populares para dar visibilidade para tipos populares como trabalhadores rurais, apostadores, engraxates, imigrantes e benzedeiros, todos apresentados de forma estereotipada, personagens cômicos e de fácil identificação. O autor idealiza uma sociedade local partindo de suas vivências como agente que cresceu em uma cidade em expansão e também como um jornalista que encontra esses causos nas páginas do periódico em que atua, ou ainda como funcionário da secretaria responsável pelos projetos de ocupação territorial do estado do Paraná.

Essa produção de Júlio Pernetta toma uma proporção além do campo do campo da literatura, pois no final do século XIX não havia uma delimitação clara das fronteiras disciplinares, e textos dessa natureza serviam aos debates em torno da representação social construção e memória

coletiva. Suas ideias estavam circulando na revista de maior visibilidade entre a elite local, e também no jornal do partido que governava o estado. Partir da concepção de que a consciência histórica se constrói em diferentes espaços de interação social ressalta tal importância.

Esse embate presente nas opções narrativas de Júlio são parte das reflexões presentes no grupo de *O Cenáculo*, associação de intelectuais de onde vieram os nomes que dominaram o campo cultural local nas décadas seguintes. Colocavam-se à frente de iniciativas como a escrita da história local, nesse meio as ideias presentes em *Costumes Paranaenses* se fortalecem e se reproduzem em obras como *História do Paraná* de Alfredo Romário Martins ou *O Paraná no Centenário* de José Francisco da Rocha Pombo.

Estes textos serviram ao fortalecimento do discurso de que aqueles costumes eram práticas passadas e superadas por um padrão civilizacional europeu; a transformação destes signos em memória demarcava sua condição como parte de um mundo em desconstrução. Esta posição reafirmava a compreensão de cultura popular defendida por nomes como Sylvio Romero, da *Escola do Recife*, ou o citado Mello Moraes Filho, como apontam os estudos de Cristina Ribeiro (2013), autores que buscavam produzir uma narrativa do Brasil independente em relação à Europa e que promoviam uma imagem positiva do “povo brasileiro”, valorizando a participação de indígenas e africanos.

Essa perspectiva, porém, tomava como uma de suas bases a literatura do gênero *Folk* praticada na Europa, que atribuía a população características rurais e ingênuas, para quem o caminho da mestiçagem era a construção de uma população civilizada e branca. Desta forma, a construção e a transformação, destas tradições, em memória atendia aos

discursos de promoção da modernidade, que estava presente nas projeções de futuro da elite paranaense e brasileira.

Ao lermos a literatura produzida por Júlio Pernetta identificamos a afirmação do caboclo como uma etapa na construção do “tipo local”. Há a demarcação do distanciamento temporal entre o autor e os seus personagens com a afirmação da descrição como registro de “tradições” ou “conservação dos elementos de um mundo em desconstrução”, opondo o Paraná rural da pecuária ao da produção da erva-mate do final do século XIX em que vivia. Contudo, ao lermos os contos percebemos que não há uma descrição física ou genealógica destes caboclos, que estão enquadrado de maneira mais efetiva nos hábitos de uma classe social empobrecida que vive no interior, possuem pouca instrução e sobrevivem do trabalho braçal que praticam em suas propriedades ou para algum “coronel”.

Júlio promoveu novos agentes na história do Paraná dando reconhecimento e visibilidade aos personagens locais em meio à necessidade de fortalecimento de uma memória. Podemos aproximar a obra dos interesses em torno da construção de um passado para a população do estado nascente, capaz de diferenciá-lo do antigo território - São Paulo - e das demais regiões do país, como Norte e Nordeste. Ainda, a localização destes sujeitos no passado transformava seus saberes em apontamentos morais que serviam mais para as ações do futuro do que atendiam à uma intenção de problematização sobre esta população como existente e ativa no seu presente.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Debates que vão ocorrer nas décadas seguintes com a atuação de Júlio Pernetta na Secretaria estadual de Terras e Colonização e com o fortalecimento em nível nacional da problematização da figura do “caboclo”.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil- Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Sonho e Invenção do Paraná: geração simbolista e construção da identidade regional*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CAMARGO JUNIOR, Mauro C. Vaz. *Pelos paranaenses e pelo Brasil: A construção de espaços de produção histórica no Paraná (1890-1930)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- CARNEIRO, Cíntia Braga. *O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná*. Curitiba: SAMP, 2013. 202 p.
- CARNEIRO, David. *A história da história do Paraná*. Impresso na Secção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Curitiba, 1952.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- CORADINI, Odaci Luiz. "As missões da 'cultura' e da 'política': confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920- 1960)". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2003. 32, p. 125-144.
- CORRÊA, Amélia Siegel. *Imprensa e Política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. "Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, no. 1, p. 5-27, 1988.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs). *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1992.
- MARACH, Caroline Baron. *Discursos e linguagens na Revista do Clube Curitibano (1890 - 1912)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- NADALIN, Sérgio Odilon. *Paraná: ocupação do território, população e migrações*. Curitiba: SEED, 2001.
- NEDEL, Letícia Borges. *Um passado novo para uma história em crise: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e Estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.
- PEREIRA, Luís Fernando Lopes. *Paranismo: O Paraná Inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- RIBEIRO, Cristina Betioli. *O Norte: um lugar para a nacionalidade*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Marcio Antônio Both. Caboclos. *História Unisinos*, São Leopoldo, V.18, nº2, p. 338-351, 2014.

SIRINELLI, Jean-François. "A geração". In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. 4ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2001.

VILHENA, Luis Rodolfo. 1997. *Projeto e Missão. O Movimento Folclórico Brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas. 332 pp.

Artigo recebido em 19/12/2019 e aprovado em 01/08/2020.